

# Uma invasão diferente

*Pequenas empresas emigram para países vizinhos em busca de condições mais favoráveis*



A polícia escolta uma das urnas da eleição, em Colombo, a capital



idade, viúva e mãe de dois filhos, ela pertence a uma família que pagou um preço muito alto pelo ideal de construir uma nação multiétnica capaz de viver em paz. Seu pai, o ex-primeiro-ministro Solomon W. Bandaranaike, participou ativamente nas negociações que conduziram à fundação do Movimento Não-Alinhado e foi assassinado em 1959, em consequência de uma série de incidentes sangrentos protagonizados pelos secessionistas tamis.

A viúva, Sirimavo Bandaranaike, a mãe de Kumaratunga, apesar de não ter nenhuma experiência anterior na política, assumiu as lutas do *premier* morto e venceu as eleições de 1960. Foi a primeira mulher que encabeçou um governo em todo o mundo, ocupando o cargo de primeira-ministra até 1965. Voltou ao poder no período 1970-75 e atualmente, aos 78 anos, continua dirigindo o Partido da Liberdade, fundado por seu marido.

A atual chefe de Estado voltou a sofrer as consequências da violência em 1988, quando seu marido, Vijaya Kumaratunga, ex-ator de teatro e dirigente político, foi assassinado na sua presença em um atentado também atribuído aos tamis.

A presidenta Kumaratunga foi educada em Paris e, além de cingalês e francês, fala fluentemente o inglês e o alemão e tem noções de russo e indiano. Durante sua permanência na França, participou intensamente das manifestações estudantis de maio de 1968, experiência que, somada a sua trajetória familiar, explica seu compromisso com a luta pela paz e a justiça social. ■

**A** constante valorização do *ien* nos últimos meses desencadeou o êxodo dos investidores japoneses para os países do sudeste asiático, mas desta vez acentuando a fuga de pequenas e médias empresas, que até agora resistiram em transferir suas operações ao exterior. A moeda japonesa aumentou sistematicamente desde abril em relação ao dólar norte-americano. Com isso, os custos de produção cresceram vertiginosamente, obrigando as indústrias japonesas a transferir-se para países vizinhos onde a mão-de-obra é mais barata.

Tailândia, segundo receptor de investimentos japoneses entre os membros da Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean), registrou um número sem precedentes de novos investimentos desse país durante 1993, mais do dobro do ano anterior. No entanto, o montante dos investimentos se elevou somente a cerca de 2,5 bilhões de dólares, superior apenas aos 2,3 bilhões em 1992. As diferentes porcentagens de crescimento entre o número e o montante dos investimentos indicariam que os novos investimentos do Japão provêm principalmente de pequenas e mé-

dias empresas. Essa é, pelo menos, a dedução de Hideki Higashi, um pesquisador do Instituto de Economias em Desenvolvimento, com sede na Tailândia.

Estudos realizados por bancos demonstram que mais de 60% das pequenas e médias empresas, que constituem a espinha dorsal da indústria japonesa e abastecem de produtos baratos as grandes empresas, estão se transferindo para o sudeste da Ásia para driblar a atual taxa de câmbio que gira em torno de 97 *ienes* por dólar.

A maioria vai para a Malásia e Tailândia, onde os custos de mão-de-obra são cinco vezes inferiores aos do Japão. China é o segundo destino das empresas em êxodo, seguida pelos Estados Unidos. Os economistas de Tóquio não se mostram surpresos com essas cifras. Sustentam que para as empresas japonesas o deslocamento da produção para o exterior se converte na única forma de superar a recessão. A transferência é mais notória entre as empresas de autopeças e produtos eletrônicos, pois este é o setor que abastece os grandes exportadores japoneses. ■

*Swendrini Kakuchi*